

A METÁFORA DA PROPICIAÇÃO NA PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

Johan Konings

Resumo

Coloca-se a questão da interpretação da terminologia de sacrifício e vítima de propiciação aplicada a Jesus na 1ª Carta de João, muitas vezes entendida num sentido quase mecanicista de apagamento dos pecados pelo sangue de Jesus ou, pior, num sentido de uma exigência de pagamento sangrento por parte de Deus. Diante disso propõe-se uma exegese dos textos de 1Jo 2,12 e 1Jo 4,7-10, considerando o contexto do escrito. Depois, faz-se uma dupla abordagem semântica, primeiro, levando em consideração o contexto e a linguagem dos sacrifícios do Antigo Testamento; segundo, o uso dessa terminologia em João (e em Paulo/Hebreus). No fim conclui-se que se trata de uma metáfora fundamental, impossível de excluir da teologia e da catequese bíblicas, mas que deve ser explicada como metáfora ao público de nossas comunidades.

Palavras-chave: Propiciação. Sacrifício. Metáfora. Soteriologia. Cartas de João.

Abstract

It is presented the interpretation of the terminology of sacrifice and victim of propitiation applied to Jesus in the 1st letter of John, many times understood in an almost mechanistic of erasing the sins through Jesus' blood meaning, or, worse, in a sense of demand for bloody payment from God. Faced with that, an exegesis of the texts 1Jo 2,12 and 1Jo 4,7-10 is proposed, considering their context. After, a double semantic approach is done, firstly considering the context and the language from in the sacrifices of the Old Testament; then, the use of this terminology in John (and in Paul/Hebrew). In the end we conclude that it is a fundamental metaphor, impossible to exclude from theology and biblical catechesis, but which has to be explained as a metaphor to the audience of our communities.

Keywords: Propitiation. Sacrifice. Metaphor. Soteriology. John's Letters.

1. Eis a questão

Na primeira carta de João, Jesus é chamado duas vezes de “sacrifício de propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 2,2; 4,12)¹. Esta expressão, e mais ainda o termo “expição”, é às vezes entendida num sentido “pseudoanselmiano”², como se Jesus tivesse sido sacrificado por seu Divino Pai a fim de pagar com seu sangue o pecado humano, que tanto ofendeu a Deus que só aquele que é ao mesmo tempo homem e Filho de Deus o poderia pagar. Nesse sentido fala-se também em “reparação” ou “satisfação”. Não só por causa dessa interpretação espúria, mas também porque o mundo do sacrifício parece muito estranho, estas expressões joaninas causam resistência e incompreensão, sobretudo entre os jovens.

Pergunta-se: Para o povo de hoje a linguagem sacrificial da carta de João contém ainda alguma mensagem? Algumas traduções populares evitam a terminologia sacrificial. A New English Bible (NEB), por exemplo, modernizou falando em “remédio” em vez de sacrifício de expiação (Brown, 1983, p. 221). A Nova Tradução na Língua de Hoje (NTLH) faz a seguinte paráfrase: “É por meio do próprio Jesus Cristo que os nossos pecados são perdoados” (1Jo 2,2; 4,10: “por meio dele... nossos pecados fossem perdoados”). Contudo, mesmo na nova Bíblia Pastoral (BP) se diz ainda que Jesus foi enviado como “(vítima de) expiação pelos nossos pecados” (1Jo 2,2; 4,10)..

A questão principal, porém, não é o vocábulo, mas o conteúdo, a semântica. Nosso povo pode ainda imaginar que alguém seja sacrificado em proveito de outros? E se o imagina, como é que o imagina? Eis a questão.

2. Os textos

Mostramos primeiro os dois textos com o seu contexto imediato no escrito joanino³.

2.1 1Jo 2,1-2:

Meus filhinhos, eu vos escrevo estas coisas para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos um paráclito junto ao Pai: Jesus Cristo, o Justo.

1. As traduções portuguesas variam: expiação, reconciliação, propiciação. Esta última é a que mais corresponde à linguagem sacrificial do Antigo Testamento, mas deve-se considerar que no Novo Testamento pode haver uma inflexão do sentido. Almeida Século XXI explica a tradução “propiciação” na nota a 2,2: “sacrifício que afasta a ira divina”, mas esta explicação não representa o primeiro sentido de “propiciação” (ato de tornar propício, benevolente) e abre a porta à interpretação pseudoanselmiana (cf. nota abaixo).

2. Na realidade, Anselmo, no *Cur Deus homo*, insistiu na liberdade de Jesus ao sacrificar sua vida, o que a interpretação popular geralmente esquece. Além disso, o esquema de Anselmo, enquadrado na cultura da honra cavaleiresca da Idade Média, não é nenhum dogma, mas apenas uma conversa de mosteiro, que ele mesmo nem sequer quis ver divulgado.

3. Tradução literal nossa.

²E ele é a propiciação pelos nossos pecados – mas não somente pelos nossos próprios, mas também pelos do mundo inteiro.

O sentido imediato deste texto se revela a partir do contexto anterior (1,5-10)⁴: a existência clara e luminosa vem da união com Deus, que é luz, e caminhar na luz (1,7)⁵ resulta na comunhão mútua, sendo que o efeito da morte de Jesus (“o sangue”, v. 7) nos purifica de todo pecado (= de tudo o que nos afasta de Deus e de seu Filho Jesus). Não devemos dizer que não temos pecado, pois isso seria enganar-nos a nós mesmos. Se, pelo contrário, admitimos nossos pecados, “ele”⁶ é fiel e justo e nos purifica de todo pecado.

Estas frases deixam adivinhar que a comunidade está acostumada a um estilo judeu-helenista sapiencial, que se aproxima da linguagem gnóstica (“luz”), mas não se afasta da tradição bíblica (“caminhar”, em 1,7, como prática da vida) e joanina (“fazer/praticar a verdade”, em 1,6). Parece, porém, que alguns da comunidade se acham impecáveis (coisa de gnóstico!). Este tema será retomado diversas vezes, em estilo dialético, ensinando que devemos reconhecer nosso pecado, mas, ao mesmo tempo, não podemos admitir o pecado como algo normal em nossa vida (compare 2,1 com 3,6-9). Aliás, quem nega ser pecador, ridiculariza Deus que o perdoa (1,10). Esses impecáveis são os que dificultam a unidade da comunidade (são “bons demais”, “se acham”), enquanto a carta toda insiste na ideia da comunidade e da comunhão.

A partir de 2,3 o autor passa a outro assunto, o conhecimento de Deus (que também opõe o conceito gnóstico ao conceito bíblico prático). Antes, porém, de abordar esse novo assunto, ele completa o tema do perdão dos pecados por uma dupla referência cristológica: Jesus é nosso paráclito junto a Deus (2,1) e cumpre o papel de (sacrifício de) propiciação (2,2)⁷. Quanto ao primeiro tema, basta aqui lembrar que Jesus é chamado de “paráclito” – termo que evoca o defensor judicial⁸ – porque Ele é “justo”⁹. O segundo tema, Jesus como (sacrifício de) propiciação, é o que aprofundaremos, quanto à semântica, mais adiante.

4. 1,1-4 é um proêmio para a carta.

5. Note-se a diferença entre “estar na luz” (a iluminação gnóstica ou platônica), e “caminhar/andar na luz”, terminologia bíblica, indicando o caminho/a prática moral (p.ex. nos salmos 19 e 119).

6. Discute-se se “ele” significa Jesus ou Deus (por meio de Jesus). É mais provável que o que perdoa seja o Deus fiel e justo (cf. v. 9); a menção a Jesus como quem purifica do pecado, no v. 7b, parece um parêntese antecipando 2,1-2. De qualquer modo, o efeito de sentido no leitor é o mesmo.

7. Observe-se que não é mencionado, nos dois textos joaninos, o termo “sacrifício” ou “vítima”, mas apenas o efeito, que é a propiciação.

8. Em vez de usar termos aproximativos, que de toda maneira precisam ser novamente explicados (“advogado, defensor, intercessor, consolador”), podemos usar o termo “paráclito” mesmo, que já se tornou tradicional na liturgia.

9. No evangelho de João foi dito, em outra aplicação, que o Espírito como “paráclito” demonstrará a “justiça” de Jesus que se manifesta no fato de Ele voltar para junto do Pai (Jo 16,10).

2.2 1Jo 4,7-10

⁷ Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo *aquele que ama é gerado de Deus e conhece a Deus*.

⁸ Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.

⁹ Nisto se manifestou o amor de Deus entre nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para que vivamos por meio dele.

¹⁰ Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

O segundo texto se encontra na parte do discurso¹⁰ em que João fala: 1º, do discernimento dos espíritos (= dos que profetizam na comunidade”), que tem por critério a confissão de fé em “Jesus Cristo, vindo em carne” (4,1-6, especialmente v. 2); 2º, do amor de Deus que se manifesta no dom desse Jesus a nós e por nós e que nos leva a amar a Deus e, inseparavelmente, aos nossos irmãos (4,7-21). Fique claro que a confissão cristológica é a “amarra” do desenvolvimento soteriológico (a “propiciação”) e ético (o amor). Sem essa amarra em Jesus encarnado e em sua obra terrena, todo o pensamento se volatilizaria no ar (como de fato deve ter acontecido em certo pensamento gnóstico).

Em 4,7 temos uma nova alocação, agora não aos “filhinhos” como em 2,1, mas aos “amados”. O autor apela ao “ser gerado de Deus” para dar suporte ao conhecimento de Deus através do amor (v. 7b). Trata-se do conhecimento prático, participativo (cf. v. 12). Amando conhece-se a Deus, e quem não ama não conhece a Deus, que é amor (v. 8). Assim se confirma o ser gerado de Deus (v. 7b): seu “patrimônio genético” age em quem ama.

Se o v. 8 chama a Deus de “amor”, isso não é linguagem de novela, nem da gnose, mas provém da mais genuína tradição bíblica. O Deus da Aliança é o Deus da graça e do amor leal (Ex 34,5-6), e os profetas clássicos (Oseias, Isaías, Jeremias, Ezequiel) não hesitaram em aplicar a Deus a imagem do Esposo amoroso e, a seu povo, a imagem da “amada”. Aliás, isso combina bem com o uso do termo “amados” no v. 7.

Os v. 9-10 descrevem então concretamente a ação desse amor entre nós¹¹: ele se manifestou no fato de Deus ter enviado seu filho “unigênito” ao mundo para que, por este, o mundo tenha vida. A terminologia lembra fortemente Jo 3,16, onde, em vez de “enviou”, está “deu” e se diz expressamente que Deus “amou o mundo”. Estamos aqui diante do “evangelho profundo” de João, o cerne

10. A carta não se deixa dividir em partes estancas, mas avança em ondas que se sucedem, misturando-se.

11. “Entre nós”, grego *en hēmîn*, pode também ser traduzido como “em nós”, mas parece mais provável que se refira à obra histórica de Jesus no meio de nós.

de sua mensagem. A menção ao “unigênito” remete a Isaac, filho unigênito e esperança única de prole para Abraão, que estava disposto a oferecê-lo se assim fosse a vontade de Deus (Gn 22,12). Deus “enviou” (10c, cf. 9b), tomou a iniciativa, “amou primeiro” (v. 10b). E a lembrança ao sacrifício de Isaac facilitou a alusão a outro sacrifício, no fim do v. 10: Deus enviou seu Filho, o “unigênito” (cf. Jo 1,18) “como (sacrifício de) propiciação pelos nossos pecados”. É o significado deste termo que agora cabe examinar.

3. Semântica I: sacrifícios no Antigo Testamento

O que significa a propiciação nos textos sacrificais antigos, especialmente os relacionados com a liturgia do Templo?¹²

Sacrifícios são essencialmente ofertas ou presentes à divindade. São “santificações”: tornam santo ou consagrado (raiz hebraica *qds*) o objeto oferecido ou a pessoa que o oferece ou ambos. E existem também sacrifícios no sentido contrário, de execração (ex-sacração).

Pode-se “santificar” oferecendo ou destruindo (ou as duas coisas junto). Sob o primeiro aspecto honra-se a divindade pela perfeição do oferecido (um sacrifício perfeito). Sob o segundo aspecto, honra-se a divindade pela subtração ao uso profano: a reserva, separação ou tributo prelevado (hbr. *terumá*); a imolação (*zebah*); a designação à divindade, muitas vezes realizada pela destruição ou extermínio (hbr. *herem*).

Os sacrifícios pelo fogo nos altares eram vistos como “elevação” até a divindade (*olah*). Nos casos em que a consunção pelo fogo era inteira, a Bíblia grega usava o termo *holokaútōma/holokaútōsis*, em latim *holocaustum* (queimação inteira)¹³. Mas muitos sacrifícios eram apenas parcialmente queimados: da gordura queimada subia o bom odor que agrada a Deus, e com as carnes os oferentes faziam uma refeição de paz (hbr. *šelamim*).

Poderíamos também falar das “promessas” ou votos (hbr. *neder*), em que alguém se compromete a dedicar a Deus, no futuro, determinada espécie de sacrifício, presente ou ato piedoso em troca de um benefício que se deseja receber anteriormente.

Um tipo especial são os sacrifícios de expiação ou propiciação, em grego *hilasmós* (termo usado por 1Jo 2,2 e 4,10), correspondendo ao hebraico *kippu-*

12. Na Bíblia, Lv 1–7 expõe os detalhes da celebração dos sacrifícios no Templo de Jerusalém depois do exílio babilônico (a atribuição a Moisés é fictícia). Lv 16 descreve o rito do *Yom Kippur*, especialmente importante para nosso assunto, o sacrifício de propiciação ou expiação. O rito é duplo (dois bodes), incluindo uma parte muito arcaica, pré-exílica (o envio do bode expiatório, carregado com os pecados, ao deserto, Azazel).

13. Hoje os judeus não aceitam que o extermínio pelo nazismo seja chamado holocausto, porque o holocausto é um ato cultural destinado a Deus; chamam o extermínio de “Shoá”.

rim. Enquanto o termo grego indica mais o perdão gratuito da culpa¹⁴, o hebraico evoca o “encobrimento” da culpa (*’ašem*) ou do pecado (hbr. *hattaá, peša’*; gr. *hamartía*). Em termos de fenomenologia religiosa apresenta-se assim a prática de oferecimento ou sacrifício (santificação) ligada ao sentimento de culpa. A gente se sente em dívida com Deus¹⁵. Outros termos deste campo semântico são “expiação” e “reparação”. É neste campo semântico que se inscrevem os textos de 1Jo 2,2 e 4,10.

É impossível dar aqui uma completa descrição do mundo dos sacrifícios no Antigo Testamento. Observemos que o acento não cai na destruição ou imolação, e, sim, na dedicação da vítima à divindade. Resumindo, podemos dizer que o sacrifício significa que se oferece à divindade uma “oferta” ou um “presente” (hbr. *qorban, minhá*, gr. *dôron*), que exprime diversos sentimentos: consciência de dependência e submissão, mas também de gratidão e esperança. Sobretudo nos oferecimentos das primícias (primeiros frutos da terra ou do útero) aparece o sentimento de que Deus deu e continua dando seus benefícios. Nos sacrifícios de propiciação prevalece o desejo de (voltar a) estar na graça de Deus¹⁶.

4. Semântica II: a propiciação em João (e Paulo)

Na carta de João o contexto nos ajuda a descobrir o que ele entende por “propiciação”. Em 1Jo 2,2 (cf. 1,7) e em 4,10, o autor parece aludir ao sacrifício de propiciação ou de reconciliação, como o do *Yom Kippur*, Lv 16¹⁷. *Kippur* significa “cobrimento”: Deus cobre a falta. Não se trata de “pagamento”¹⁸, e por

14. Merece atenção uma observação no dicionário de Louw e Nida: “Embora algumas traduções mais antigas usem o termo ‘propiciação’ para traduzir *hilastérion*, isto envolve uma interpretação errônea do termo. A propiciação é, essencialmente, um processo no qual alguém faz um favor a uma pessoa para que esta tenha uma disposição favorável em relação ao que faz o favor. Acontece que, no NT, Deus nunca é objeto da propiciação, pois Ele já está do lado das pessoas ou a favor das pessoas. *Hilasmós* e *hilastérion* denotam o meio do perdão, e não a propiciação” (LOUW; NIDA, 2013, p. 448). Essa observação pode ser dogmaticamente exata (o perdão gratuito), mas isso não impede que, no simbolismo religioso, as pessoas se aproximem de Deus para torná-lo propício, desde que não procurem manipulá-lo por mecanismos comerciais ou mágicos.

15. O termo “dívida”, em grego *opheilēma*, é raro. No Novo Testamento só aparece em Mt 6,12 e Rm 4,4. Ao se comparar os textos do Pai-nosso em Mateus e Lucas (da *Quelle*), lemos em Mt 6,12 *opheilēmata*, mas Lc 11,4 tem *hamartías*, termo que corresponde ao hebraico *hattaá* ou *peša’* e talvez seja mais original.

16. É evidente que são apenas expressões humanas de um sentimento religioso muito amplo e ramificado. O ser humano sente que tem de “fazer alguma coisa para o santo”. Até os regimes ateus têm seus ritos sagrados: a Revolução Francesa e Comunista, o Estado nazista e seu sucessor, o Estado comunista da Alemanha Oriental de 1946-1998 (com a *Jugendweihe*, “consagração da juventude”). Negam Deus, mas continuam sacrificando e consagrando...

17. Em Lv 16 não se usa propriamente o termo “propiciação” (*hilasmós*), mas o ritual se faz sobre o “propiciatório” (*hilastérion*, Lv 16,2.13-15).

18. “Ele é a reconciliação de nosso pecado. A morte de Jesus tem significado permanente, não, porém, no sentido de ser a morte a taxa a pagar pelos homens, mas no sentido contrário. Deus nos amou e por isso enviou seu Filho como reconciliação de nossos pecados (4,10). A morte de Jesus nos revela quanto Deus nos ama.” (THEVISSSEN et al., 1999, p. 204; grifo nosso).

isso seria perigoso traduzir como “reparação” ou “satisfação”, pois poderia sugerir um “olho por olho, dente por dente”, coisa totalmente contrária ao Novo Testamento. O sacrifício de propiciação não serve para pagar a um Deus comercialmente, mas para ganhar suas boas graças... e essas são de graça. Este tipo de sacrifício exprime a disposição de, apesar de faltas e malfeitos, ser considerado por Deus com bondade leal (*hēsed*) e face favorável (*hēn*). Se estes sacrifícios, muitas vezes, incluem uma prática de penitência, em que uma autoridade ou o próprio penitente impõe uma pena, essa não é para “satisfazer” a Deus, mas para reconhecer o malfeito e garantir o arrependimento. É mais uma exigência antropológica do que teológica!

Mas há outra pergunta a ser feita: 1Jo 2,2 diz que Jesus “é” a propiciação de nossos pecados, e não só dos nossos, mas do mundo inteiro. Mas que significa esse “é”? Podemos distinguir três significações: 1º, uma identificação de Jesus, como sacrifício ou como vítima sacrificial; 2º, uma metáfora, em que Jesus é *comparado* aos sacrifícios de propiciação; 3º, uma substituição: Jesus ocupa o lugar dos sacrifícios de propiciação, como na Carta aos Hebreus.

A construção da frase em 4,10 aponta mais para a segunda ou a terceira interpretação: aí o termo *hilasmòn* é apostrofo a *tòn hyiòn autoû*, e muitas traduções acrescentam “como”, no sentido de “na qualidade de” ou “na função de”.

A interpretação metafórica se situa bem no quadro de um judaísmo “evoluído”, que já relativizava os sacrifícios cultuais. No Sl 50[49],7-15.23 encontramos uma contundente crítica ao ritualismo sacrificial, ao qual então se opõem o caminho reto, o cumprimento dos votos e o sacrifício de louvor. No salmo subsequente, o conhecido “*Miserere*”, é dito que para Deus os sacrifícios rituais não são importantes, e, sim, o coração contrito e humilde; só com o coração contrito cabe oferecer os sacrifícios tradicionais no Templo (Sl 51[50],19-21). Considere-se também o texto de Eclo [Sr] 35,1¹⁹: “Aquele que guarda a Lei faz muitas oferendas, sacrifício salutar é cumprir os preceitos”. No Novo Testamento podemos apontar o texto de Rm 12,1, que exorta a oferecer “os próprios corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. O sacrifício adequado (*logikèn latreían*)²⁰ é a prática da vida (corpo, sacrifício vivo). Este texto ajuda bastante para compreender em que sentido João fala (da vida) de Jesus como sacrifício.

O próprio João descreve a purificação do Templo (Jo 2,13-20) em termos que mostram a superação dos sacrifícios: à descrição sinóptica da expulsão dos vendilhões (Mc 11,15-17), ele acrescenta a expulsão dos animais do sacrifício (Jo 2,15). E interpreta que Jesus é doravante o templo ou lugar de culto a Deus (2,21).

Assim fica mais bem delimitada nossa pergunta: Ao chamarem Jesus de (sacrifício de) propiciação, os textos de 1Jo 2,1 e 4,10 falam em tom realista ou

19. Deuterocanônico, porém conhecido dos primeiros cristãos, que usavam a Septuaginta.

20. *Logikós* parece pertencer ao campo semântico de regra, medida, proporção, daí “adequado” (cf. o latim *rationale*). Não se trata de um sacrifício “espiritualizado”, e sim do “corpo” que atua na vida (daí “sacrifício vivo”).

em tom metafórico? Deus “imolou” Jesus (ou o fez imolar-se) no sentido de lhe impor a morte? Ou devemos entender que a práxis profética de Jesus, culminando na morte violenta provocada por seus inimigos, é comparada metaforicamente (visto a presença de sangue) aos sacrifícios de propiciação?

A comparação com Hebreus pode ser esclarecedora. Em Hb 9,11-14 o sentido metafórico é claro: Jesus é ao mesmo tempo sacerdote e sacrifício. Sua vida e práxis consequente até a morte sangrenta é comparada aos sacrifícios de expiação dos pecados. Em virtude do “espírito eterno”, o espírito de Deus agindo nele, “ele se ofereceu a si mesmo como vítima sem mancha” (Hb 9,14). A celebração anual do *Yom Kippur* já não precisa ser celebrado: Jesus o realizou metaforicamente uma vez por todas (Hb 9,15-28). O sentido metafórico ou simbólico é apontado pelo termo *parabolé* (Hb 9,9).

O sentido metafórico transparece também no conjunto textual de 1Jo 1,7–2,2. Na realidade, o autor usa aí três metáforas que se esclarecem mutuamente: o sangue de Jesus purifica do pecado (1,7); Jesus é “paráclito”, aquele que resolve o problema judicial (2,2); Jesus é “propiciação”, garante a boa graça de Deus. A lembrança do “sangue” não é porque Deus o quis, mas porque é um fato real, provocando a comparação com os sacrifícios de propiciação, em parte sangrentos, celebrados no *Yom Kippur*²¹.

Deus não matou Jesus por precisar de um sacrifício de expiação, mas a missão profética de Jesus pode ser chamada, metaforicamente, de sacrifício de propiciação pelos nossos pecados, por causa de seu efeito na própria vida dos cristãos, pois como o bode “expiatório” do *Yom Kippur*²² Jesus afasta deles o pecado (cf. Jo 1,29). O que “cobre” o pecado não é a imolação de Jesus, mas nossa adesão à sua vida, e o efeito dessa adesão supera os antigos sacrifícios de propiciação. Naturalmente, o fato de Jesus ter sido morto numa execução sangrenta facilitou a associação simbólica aos sacrifícios de propiciação. Mas se ele tivesse sido morto sem sangue, teria sido igualmente causa de propiciação para aqueles que aderem a Ele. O que o sacrifício no Templo pretendia Jesus o fez efetivamente por sua vida dada até a morte.

5. A linguagem sacrificial e nós hoje

Tem sentido continuar a usar essa linguagem? Sim e não. Para minha piedosa tia-avó, talvez. Para meu sobrinho-neto, não. Para a liturgia, sim, desde que a linguagem seja explicada.

21. Só há imolação do primeiro dos dois bodes; o segundo, o bode expiatório, nem sequer era imolado, mas mandado ao deserto, “levando” o pecado...

22. Cf. nota anterior.

Minha tia-avó foi catequizada numa linguagem em que o termo “sacrifício” significava algo como desistir de uma coisa em vista de algo melhor. Ela podia entender as referidas frases joaninas no sentido de que Jesus deu sua vida para nos reconciliar com Deus e tinha bastante consciência de seus pecados para achar isso muito bom. Só que corria o perigo de entender no sentido pseudoanselmiano que acima critiquei. Por isso eu disse: “talvez”...

Quanto a meu sobrinho-neto, esse não tem a mínima ideia do que se entende por sacrifício. Sacrifício para ele é coisa ruim, destrutiva. Então, melhor não usar esse termo. Por enquanto.

Mas a liturgia, que é memorial, não pode esquivar-se de levar ao povo nossos textos fundadores em sua expressão original. E aí está o problema. Se eu traduzo a carta de João evitando a terminologia sacrificial, como nos exemplos citados no início do artigo, será que estou referindo tudo o que o texto original quer trazer à memória? Uma tradução que não alude ao sacrifício pode evocar um Jesus meramente bondoso e misericordioso, mas não aquele que pôs sua vida em jogo para realizar a missão salvadora. Evidentemente, a tradução “sacrificial” supõe um contexto de aprendizagem da fé, ou seja, de catequese, como se encontra nas escolas sinagogais e nas escolas bíblicas de algumas comunidades cristãs. A função explicativa pode também ser assumida pela homilia, e não é por nada que desde o Concílio Vaticano II se insiste na melhor preparação e apresentação da homilia. Não se deve ter medo de que na liturgia se aprenda algum conteúdo – e não apenas a mexer os braços.

Supondo-se a devida explicação, talvez meu sobrinho-neto algum dia poderá compreender que a vida do profeta de Nazaré, oferecida pelos seus irmãos, pode ser comparada aos sacrifícios de propiciação do antigo povo de Deus. E, mais do que isso, que este “sacrifício” supera os do Levítico e contribui decisivamente para que nós sejamos melhores, isto é, libertos de nosso “endividamento” com Deus e considerados com bons olhos por Ele. Claro, dizer isso é passar de metáfora em metáfora, mas isso não faz mal: uma metáfora explica a outra.

Não devemos ter medo da linguagem sacrificial. Ela faz parte do patrimônio da humanidade. Devemos ter medo é do fundamentalismo e da obsessão em relação aos sacrifícios e ritos em geral. O próprio Jesus ensinou isso. Ensinou a deixar o sacrifício a meio-caminho para antes nos reconciliar com nosso irmão (Mt 5,23-24). Ensinou que o homem vale mais aos olhos de Deus do que o sábado (Mc 2,27), o que não é pouca coisa aos ouvidos de um judeu! Ensinou que Davi podia pegar os pães de oferenda para matar sua fome e a dos seus soldados (Mc 2,25-26).

São histórias muito instrutivas, mas que ficam difíceis de transmitir, se o público não tem noção do sistema religioso que envolvia a vida do nosso herói Jesus. A explicação de uma fé histórica exige a explicação de seu contexto histórico-religioso. Jesus provavelmente não era um fanático do culto sacrificial, mas o respeitava como cultura religiosa de seu povo. Não criticou a viúva pobre porque ela deu

todo o seu sustento em doação ao Templo, mas a louvou porque ela fez muito mais do que aqueles que de seu supérfluo fazem ricas doações (Mc 12,41-44).

De qualquer modo, assim como Jesus se serviu da linguagem de seu povo, João se serviu da mesma linguagem (sacrificial) quando procurou expressar o valor decisivo daquilo que Jesus fez por nós e a nós. Decerto, a linguagem sacrificial não é a única maneira para expressar isso. Ela é uma metáfora ao lado de outras, como, por exemplo, a do reinado de Deus, que João abandonou e substituiu por aquela da vida eterna (KONINGS, 2005, p. 113-114). Mas não abandonou a linguagem sacrificial, pelo menos não nos textos que acabamos de examinar.

A linguagem sacrificial se presta para expressar os significados que vimos na breve fenomenologia acima esboçada. O sacrifício de propiciação aponta para algo precioso e apartado para Deus – eventualmente até de maneira sangrenta, como aconteceu de fato com Jesus –, com o resultado de instaurar (no sentido performativo) nossa adequação ao sentido último de nosso existir (Deus). Foi isso que Jesus fez e nós devemos transmitir.

Seria um desserviço à comunidade cristã e à sociedade enterrar a semântica do sacrifício, isto é, do *dom* que exprime e produz propiciação e reconciliação, ainda mais porque o principal doador não é aquele que apresenta o sacrifício, mas Deus que ama primeiro e oferece a propiciação em sinal de amor. A Carta aos Hebreus expressou isso de modo muito feliz dizendo que Jesus é, ao mesmo tempo, sacerdote (agente) e vítima (*dom*) (cf. Hb 9,11-12). O tema aparece também em outros escritos do Novo Testamento e é próxima de outra metáfora, mais básica ainda, a morte “substitutiva” de Cristo²³.

Importa, pois, encontrar paradigmas e expressões em nosso mundo de hoje que apontem para a realidade que a carta de João evocou: o que Jesus fez e nos legou – a práxis do amor que é o tema principal da carta – “encobre” o pecado, isto é, o mal de que somos responsáveis, desde que nos dispusermos a uma vida nova.

Decerto, não vivemos mais no mundo dos sacrifícios do Templo (que já não existia quando João escreveu a carta), mas seu sentido pode reconfigurar-se na “situação cristã hoje”, assim como as catedrais medievais continuam inspirando os visitantes que nelas se refugiam de nosso mundo plugado.

Ao ressignificar o sacrifício da vida como propiciação ou reconciliação hoje, pode-se pensar nos recentes mártires e profetas da América Latina. Contudo, é preciso prestar atenção para que eles não sejam vistos como meros heróis ou monumentos externos à vida das pessoas. É preciso que sua memória suscite participação pessoal. Um traço típico de 1Jo 4,7-12 é precisamente o “conhecimento por participação”, expresso sobretudo no v. 12: “Ninguém jamais viu a Deus; se

23. Básico neste sentido é o quarto cântico do Servo, Is 52,13–53,12. Novamente, essa substituição não é exigida por Deus como pagamento, mas é, de fato, o efeito da atitude de piedoso que sofre em nome da justiça.

amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em (ou entre) nós, levado à perfeição”. Conhecemos o Deus-Amor (1Jo 4,8.16) quando participamos ativamente do seu amor.

A hermenêutica completa da metáfora de Jesus como sacrifício de propiciação exige que o próprio discípulo-leitor (ou ouvinte) viva a sua vida como sacrifício de propiciação, disposto a doar-se para que o mundo corresponda ao que Deus pode contemplar com um olhar propício.

Johan Konings

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 Belo Horizonte, MG

Bibliografia

KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005 (Comentário Bíblico Latino-americano).

THEVISSSEN, G. et alii. *As cartas de Pedro, João e Judas*. São Paulo: Loyola, 1999 (Bíblica Loyola).

BROWN, R.E. *The Epistles of John*. London: Chapman, 1983 (Anchor Bible).

LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.